



A arte e o ato de amar na cidade das damas: uma leitura do amor desde a perspectiva do texto vivendo de amor da bell hooks

*Aline Matos da Rocha*¹

¹Graduada em Filosofia na Universidade de Brasília (UnB). E-mail: matosdarochaaline@gmail.com.

RESUMO: O presente texto busca discutir o tema do amor na obra A Cidade das Damas refletindo o aprendizado de Christine de Pizan com as damas alegóricas (razão, retidão, justiça), através da relação afetiva estabelecida entre mestras (razão, retidão, justiça) e discípula (Christine de Pizan, nós leitoras/es). Assim, lançaremos um olhar na análise do amor a partir do texto Vivendo de Amor, da intelectual negra bell hooks, que nos alerta sobre a educação dos afetos na luta contra a opressão. Na obra A Cidade das Damas não foi sem afeto, mas com os afetos educados que Christine de Pizan entrou na batalha contra a opressão feminina. O objetivo do texto é reconhecer o amor como um afeto vital na autoafirmação feminina, estabelecendo um diálogo entre Christine de Pizan e bell hooks, desde perspectivas e mundos diferentes, mas que se encontram na luta contra a opressão.

PALAVRAS-CHAVE: Amor. Olhar. Autoafirmação Feminina. Educação. Diálogo.

RESUMEN: En este artículo se analiza el tema del amor en la Ciudad de las Damas, reflejando el aprendizaje Christine de Pizan con las damas (razón, justicia), a través de la relación afectiva establecida entre el maestro (razón, justicia) y el discípulo (Christine de Pizan, nosotros los lectores). Así, que vamos a lanzar una mirada en análisis del amor del texto Vivir en el Amor da negra intelectual bell hooks, que nos alerta a la educación de las emociones en la lucha contra la opresión. En la Ciudad de las Damas no fue sin afecto, pero con los afectos educados que Christine de Pizan fue a la batalla contra la opresión de las mujeres. El propósito de este artículo es reconocer el amor como un afecto vital sobre la autoafirmación femenina mediante el establecimiento de un diálogo entre Christine de Pizan y bell hooks de perspectivas y de mundos diferentes, pero estamos en la lucha contra la opresión.

PALABRAS-CLAVES: Amor. Mira. Mujer. Autoafirmación. Educación. Diálogo.



²Foi utilizada durante o curso a tese de doutorado de Luciana Calado (2006). *A Cidade das Damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan. Estudo e tradução.*

³Encontramos diversas grafias para o nome de Christine de Pizan (como Cristina de Pizán, na obra em espanhol (2001). Cristina de Pisano, em italiano. Christine de Pisan, em inglês).

⁴Todos os nomes apresentados ao longo do texto serão localizados a partir do seu lugar de fala.

⁵bell hooks é o pseudônimo de Gloria Jean Watkins, escritora norte-americana, nascida em 25 de setembro de 1952, no Kentucky – EUA. O apelido que ela escolheu para assinar suas obras é uma homenagem aos sobrenomes da mãe e da avó. O nome é assim mesmo, grafado em letras

Lembranças de outros tempos refletindo como um espelho... toda a esperança, toda a derrota.
Alice Walker (1998, p. 47)

INTRODUÇÃO

O presente texto surgiu da confecção de um trabalho final para a disciplina Ideias Filosóficas em Forma Literária, ministrada pela professora Ana Míriam Wuensch no segundo semestre de 2012, que teve como principal leitura a obra *A Cidade das Damas*², da poetisa e filósofa italiana branca Christine³ de Pizan⁴. A obra foi escrita em 1405, como um manifesto em defesa do papel precípuo das mulheres na sociedade, na qual narra histórias de mulheres que se destacaram no passado, tendo em vista criticar e combater a misoginia em voga no meio literário da época, predominantemente masculino. Nos movimentos de pensamento, leituras e questionamentos sobre *A Cidade das Damas*, muitas inquietações afligiram e moveram meu ser, constituindo por si só um ato filosófico, que (dentre as multiplicidades de constituições) consiste

em inculcar a imperturbabilidade diante do que nos é apresentado. Assim, concomitante a leitura da obra *A Cidade das Damas*, esteve presente o pensar em bell hooks⁵, intelectual negra estadunidense, que atua em oposição ao patriarcado e a opressão sexista, ressaltando as vozes, atuações e participações das mulheres negras na sociedade. Em seu texto *Vivendo de Amor* (2000), o tema do amor é enunciado desde a fala (experiência) das mulheres negras⁶. Nesse sentido, não esgotei minha visão somente em hooks e utilizo, também, os pensamentos de outras intelectuais negras, dentre elas as poetisas e escritoras estadunidenses Audre Lorde e Alice Walker. Reconheço o amor como um afeto vital na autoafirmação feminina, e estabeleço um diálogo entre Christine de Pizan e bell hooks, desde perspectivas e mundos diferentes, buscando onde afinar suas sintomias na luta contra a opressão.

PRIMEIRAS PALAVRAS

O tema amor é um clássico da filosofia⁷ (etimologicamente uma palavra grega

Φιλοσοφία, e significa, literalmente, amor à sabedoria), palavra com semântica carregada de afeto: amor amigo, amizade pelo conhecimento, de si, do Outro, do mundo. Contudo, é assunto pouco aprofundado na própria filosofia, com sua ênfase na racionalidade em detrimento às emoções (afetos)⁸. Nesse sentido, a negligência ao amor (Eros) é o que motiva as reflexões no Banquete de Platão.

Não é estranho, Erixímaco, que, para outros deuses, poetas tenham composto hinos e louvores, ao passo que a Eros, deus de tanto destaque e brilho, poeta algum, embora numerosos, tenha-se lembrado de render homenagem? Repara, rogo-te, os prestimosos sofistas exaltam com textos em prosa Hércules e outros. Lembro o aplaudido Pródico. O mais estranho não é isso. Conheço um livro de um autor erudito que enaltece, para meu espanto, a utilidade do sal entre os encômios a outras banalidades, trivialidades desse jaez abundam. Mas Eros, até hoje, homem algum ousou celebrar condignamente. A negligência obscurece um deus eminente (PLATÃO, 2009, p. 33-35).



minúsculas, (...). A justificativa, encontrei depois numa frase da própria bell: ‘o mais importante em meus livros é a substância e não quem sou eu’. Para ela, nomes, títulos, nada disso, tem tanto valor quanto as ideias” (SANTANA, 2009).

⁶É importante localizar o lugar de fala de quem escreve o texto: posiciono-me desde o lugar de uma mulher negra. De acordo com a filósofa estadunidense branca Donna Haraway (1995), que combate a neutralidade nos discursos científico-epistemológicos evidenciando que todas/os falamos desde um lugar. Assim, reconheço que não há pensamentos, escritas e enunciações neutras.

⁷Cabe ressaltar que não defino Filosofia. Apenas, exponho a etimologia grega da palavra, composta por *Philo*, que significa amizade, amor, e *Sophia*, que

Em consonância, o tema do amor é apresentado na *Cidade das Damas*, porém, pouco aprofundado na obra, como um dos principais motivos que lança Christine a percorrer o caminho que lhe apresenta. No livro primeiro da *Cidade das Damas*, em que o primeiro capítulo narra como e com qual propósito esse livro foi escrito, nos deparamos com Christine, imbuída em uma situação existencial que lhe atordoa profundamente, mas que também a leva a refletir sobre a maledicência perpetrada por homens (filósofos, poetas, moralistas etc.) às mulheres, na qual eles concluem, uníssonos, que elas são profundamente más e inclinadas ao vício (natureza).

A autora, meditando sobre essa característica depreciativa, se coloca no centro de seus pensamentos, lançando um olhar a si mesma enquanto um ser na condição feminina (mulher), examinando profundamente se as declarações de homens dotados de tanto entendimento (filósofos, poetas, moralistas etc.) são verdadeiras. Em Bandeira, socióloga brasileira branca, essas difamações do sexo feminino são justificadas pela ausência das mulheres nos discursos filosóficos:

É sabido, que entre os grandes filósofos e pensadores, na história da humanidade, as mulheres estiveram ausentes das discursividades filosóficas, históricas, científicas e culturais (...). Como se observa, a exclusão da presença feminina não era apenas explicitada em termos da naturalização, pois era fartamente justificada pela incapacidade e pelo obscurantismo das mulheres, ao contrário dos homens, que se notificavam pelas luzes e objetividade (2008, p. 212).

Christine, levando em conta a legitimidade instrucional e esclarecida dos homens que maldizem as mulheres, conclui que tais declarações só podem se constituir como verdadeiras, no entanto, essa conclusão não se atualiza em seu intelecto, que não consegue reconhecer tais características em si mesma e no sexo feminino. Há aí uma tensão entre o dito (maledicências masculinas) e o experienciado (vivências femininas) consigo e com outras mulheres. Não obstante, a questão da legitimidade instrucional e esclarecida de tais homens que professam as injúrias contra o sexo feminino é tão forte, que inibe e cega a compreensão da autora sobre a condição das mulheres.

Essa cegueira e incompreensão são refletidas quando Christine lança um olhar a si mesma, todavia, o olhar que volta a si é absorto por reflexões de desgosto e consternação, o que resulta em um desprezo a si mesma e a todo o sexo feminino, como se tivessem sido geradas aberrações pela natureza. Dessa maneira, inferimos que a mulher introjeta um olhar sobre si e as outras. Um olhar que é constantemente (ideologicamente) construído de forma violenta, conseqüentemente, anulando o Outro, nesse caso aqui, a Outra (sexo feminino).

Ao indagar sobre sua geração e de outras mulheres, a poetisa lança seus lamentos a Deus, na tentativa de compreender como um ser infinitamente sábio e perfeitamente benévolo poderia ter criado algo que não fosse bom, e se martiriza por Deus não a ter feito nascer homem para desfrutar da grande perfeição que eles possuem, em oposição à imperfeição das mulheres:

¡Ay Señor! ¿Cómo puede ser, cómo creer sin caer en el error de que tu sabiduría infinita y tu perfecta bondad hayan podido crear algo que no sea bueno? ¿Acaso no has creado a la mujer deliberadamente, dándole todas las



significa sabedoria. Não negligencio as problematizações e discussões acerca dessa definição etimológica, utilizada muitas vezes para legitimar a filosofia grega como a única possível, em detrimento de outras formas de se conceber filosofia, no entanto, essas problematizações não serão tratadas aqui. Por fim, considero que a palavra, atentando para sua etimologia, é grega, a filosofia não.

⁸De sua gênese etimológica a filosofia esqueceu (desprezou) o amor, preservando apenas a sabedoria (racionalidade). Contudo, não podemos esquecer que o próprio ato de amar é um saber.

⁹Ah! Senhor! Como é possível? Como acreditar, sem cair em erro, que tua infinita sabedoria e perfeita bondade tenham podido criar algo que não fosse completamente bom? Será que não criaste a mulher com um delibe-

qualidades que se te antojaban? ¿Cómo iba a ser posible que te equivocaras? Sin embargo, aquí están tan graves acusaciones, juicios y condenas contra las mujeres. No alcanzo a comprender tamaña aberración. Si es verdad, Señor Dios, que tantas abominaciones concurren en la mujer, como muchos afirman – y si tú mismo dices que la concordancia de varios testimonios sirve para dar fe, tiene que ser verdad –, ¡ay, Dios mío, por qué no me has hecho nacer varón para servirte mejor con todas mis inclinaciones, para que no me equivoque en nada y tenga esta gran perfección que dicen tener los hombres! Ya que no lo quisiste así y no extendiste hacia mi tu bondad, perdona mi flaco servicio y dignate en recibirlo, porque el servidor que menos recibe de su señor es el que menos obligado queda. Así, me deshacía en lamentaciones hacia Dios, afligida por la tristeza y llegando en mi locura a sentirme desesperada porque Él me hubiera hecho nacer dentro de un cuerpo de mujer⁹ (PIZÁN, 2001, p. 65).

Ou seja, convivendo com tanta negação ao sexo feminino, Christine nega a si própria, abrindo mão de sua interioridade

e de seu amor, que não é exercido no diálogo consigo mesma. Ao negar a si mesma, ela se fragiliza e se perde em uma lógica de dominação que promove o controle através da subjugação pelo aniquilamento do Outro como ser sensível e pensante. Contudo, não sentir, não pensar, é a lógica dominante. Em contraposição a esse sistema, Lorde, a poetisa negra, enuncia que “os patriarcas brancos nos disseram: penso, logo existo. A mãe Negra dentro de nós – a poeta – susurra em nossos sonhos: eu sinto, portanto eu posso ser livre” (LORDE, 2012). Não obstante, o que o sistema de negação das mulheres deseja é exatamente o que Christine manifesta: debilidade e interiorização de inferioridade. De acordo com Lorde:

Dentro de estruturas vivas definidas pelo lucro, pelo poder linear, pela desumanização institucional, nossos sentimentos não foram feitos para sobreviver. Mantidos por perto como adjuntos inevitáveis ou passatempos prazenteiros, era esperado que sentimentos se curvassem a pensamento como era esperado que mulheres se curvassem a homens (LORDE, traduzido por Tatiana Nascimento dos Santos, 2012).

O mesmo raciocínio é evidenciado em hooks na explicação da interiorização do racismo pela população negra, acarretando em sua incessante inferiorização:

Numa sociedade onde prevalece a supremacia dos brancos, a vida dos negros é permeada por questões políticas que explicam a interiorização do racismo e de um sentimento de inferioridade. Esses sistemas de dominação são mais eficazes quando alteram nossa habilidade de querer e amar. Nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, “feridos até o coração”, e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir e conseqüentemente de amar. Somos um povo ferido. Feridos naquele lugar que poderia conhecer o amor, que estaria amando” (hooks, 2000, p. 188-189).

Dessa forma, esses são os impactos do sistema de dominação no ato de amar das mulheres (especialmente das mulheres negras), sua interioridade é atingida e despedaçada, destruindo sua autoestima, seu ser. Entretanto, Christine em seu desespero e aflição, experimenta o consolo da tríade alegórica das Damas (razão, retidão e jus-



rado propósito? Dando todas as qualidades que imaginava que ela tivesse? Como foi possível ter se enganado? No entanto, aqui estão graves acusações, julgamentos e condenações contra as mulheres. Não consigo compreender tanta aversão. Se for verdade, Senhor Deus, que tantas abominações sobejam entre as mulheres, como muitos afirmam – e se tu mesmo dizes que o acordo entre vários testemunhos garante a credibilidade, tem que ser verdade – Ai! Meu Deus! Por que não me fizeste nascer homem para melhor servir-te com todas as minhas inclinações, para que não me enganasse em nada e tivesse esta grande perfeição que dizem ter os homens! Já que não quiseste assim e não estendeste tua bondade até mim, perdoe minha fraqueza e dignai em recebê-la, pois o servidor que menos recebe de seu senhor, é menos obrigado a servi-lo. Assim, desfazia-me em

tiça), ao se comoverem com o desespero que ela experimenta em sua alienação. As Damas vêm para retirá-la da profunda cegueira que a consome, a ponto de rejeitar o que em seu interior sabe: as mulheres não são profundamente más e inclinadas ao vício, contrapondo o que ela acredita e conhece através da pluralidade de opiniões alheias e distorcidas. Sendo assim, Christine será educada pelas três damas (razão, retidão e justiça) em seu amor interior, para se afirmar enquanto mulher, dona de sua subjetividade e interioridade.

EXTERIO (EROS) RIZAR O AMOR

“O amor cura. Nossa recuperação está no ato e na arte de amar. Meu trecho favorito do Evangelho segundo São João é o que diz: Aquele que não ama ainda está morto” (hooks, 2000, p. 188).

Quando hooks inicia seu texto *Vivendo de Amor* com a seguinte citação, ela nos demonstra que “a afirmação é o primeiro passo para cultivarmos nosso amor interior. Uso a expressão ‘amor interior’ e não

‘amor próprio’, porque a palavra ‘próprio’ é geralmente usada para definir nossa posição em relação aos Outros” (hooks, 2000, p. 195). Nesse sentido, o que hooks pretende nos demonstrar é um cuidado de si que se reconhece plenamente, para reconhecer o Outro, em um movimento que contemple a alteridade. De acordo com hooks, “a prática de se amar interiormente nos revela o que o nosso espírito necessita, além de nos ajudar a entender melhor as necessidades das outras pessoas” (hooks, 2000, p. 196).

Com efeito, o entendimento do que hooks evidencia é essencial para compreendermos, a partir desse momento, o processo educativo promovido pelas damas (razão, retidão e justiça) à Christine, no qual consiste em reconhecer o amor como um afeto vital na autoafirmação feminina. Ressaltando, que uma educação que não educa o amor interior – autoestima – não educa para as diferenças. Consequentemente, o que as damas querem romper é o pensamento de desprezo de si que moldou Christine, no qual a mulher é definida em relação ao Outro (masculino), aprisionando-as em categorias depreciativas, invisibilizadas e deturpadas, nas quais reser-

bilizadas e deturpadas, nas quais reservam lugares previamente estabelecidos no todo social, sendo isso, o que propicia a anulação do erótico¹⁰ e o que possibilita a reclusão das mulheres em posições inferiorizadas, sem reconhecer o amor como um poder. Em Audre Lorde:

Há muitos tipos de poder: os que são utilizáveis e os que não são, os reconhecidos e os desconhecidos. O erótico é um recurso que mora no interior de nós mesmas, assentado em um plano profundamente feminino e espiritual, e firmemente enraizado no poder de nossos sentimentos não pronunciados e ainda por reconhecer. Para se perpetuar, toda opressão deve corromper ou distorcer as fontes de poder inerentes à cultura das pessoas oprimidas, fontes das quais pode surgir a energia da mudança. No caso das mulheres, isso se traduziu na supressão do erótico como fonte de poder e informação em nossas vidas. Fomos ensinadas a desconfiar desse recurso, que foi caluniado, insultado e desvalorizado pela sociedade ocidental. De um lado a superficialidade do erótico foi fomentada como símbolo da inferioridade feminina; de outro lado, as mulheres foram in-



lamentações a Deus, perturbada pela tristeza e chegando a loucura, desesperava-me por Deus ter me feito nascer em um corpo de mulher (tradução minha).

¹⁰A própria palavra erótico vem do grego *Eros*, a personificação do amor em todos seus aspectos – nascidos do Caos, e personificando o poder criativo e a harmonia. Então quando falo do erótico, o estou pronunciando como uma declaração da força vital das mulheres, daquela energia criativa fortalecida, cujo conhecimento e uso estamos agora retomando em nossa linguagem, nossa história, nosso dançar, nosso amar, nosso trabalho, nossas vidas” (LORDE, traduzido por Tatiana Nascimento dos Santos, 2013).

¹¹O dispositivo também se constitui como um fabricante de subjetivação. Ver texto “O que é um dispositivo?”, do Deleuze.

duzidas a sofrer e se sentirem desprezíveis e suspeitas em virtude de sua existência. Daí é um pequeno passo até a falsa crença de que, só pela supressão do erótico de nossas vidas e consciências, podemos ser verdadeiramente fortes. Mas tal força é ilusória, porque vem maquiada no contexto dos modelos masculinos de poder (LORDE, traduzido por Tatiana Nascimento dos Santos, 2013).

Em contraposição à supressão do erótico, as mestras indagam sua pupila em relação ao seu bom senso, e exercitam o seu discernimento em relação às coisas, especialmente na dúvida e desconfiança, no ir além do que está posto e dito, desse modo, elas citam os filósofos, “os ilustres homens entendidos e esclarecidos”, para demonstrar à Christine que nem tudo o que eles dizem é digno de fé, e que eles podem se enganar. Sendo assim, as damas distinguem o terrestre do celeste ao considerar o engano que os filósofos podem provocar, levando em conta, que os filósofos são humanos e não deuses, e como tais estão propensos ao erro.

Nesse movimento, Christine de Pizan é educada através do amor das damas (razão,

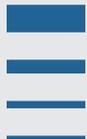
retidão e justiça), assim, o tratamento que as mestras transmitem a sua pupila é afetuoso, ora a chamando de “minha filha, cara, amiga, bela”. Há uma dimensão amorosa e subjetiva na educação que transcende a racionalidade e objetividade, tão propalada e estimulada nas relações educacionais. Sendo assim, as damas educam o amor interior (autoestima) de Christine, um amor interior tão retalhado e mal dito, por um mundo constituído por uma visão androcêntrica, mobilizada por homens das mais diversas áreas, que formam uma visão e discurso de negação do Outro (feminino). Todavia, a autora não generaliza (universaliza) seu discurso, e reconhece no livro que há homens bons, um dos exemplos é seu pai, contudo, existe uma visão, um mecanismo (dispositivo)¹¹ que molda constantemente os seres, no qual nem seu pai está imune.

Dessa forma, imergida por discursos e críticas negativas, Christine não enxergava a si mesma. Entretanto, as damas mostram a ela os modos, e os pensamentos não refletidos, aos quais repousaram anteriormente a sua negação do sexo feminino, solicitando dela um constante retorno à sua consciência e uma posição de combate

contra o mundo de críticas tecido pelos homens que menosprezam as mulheres. Nesse sentido, as damas substituem em Christine a crítica negativa pelo reconhecimento positivo de si e das demais mulheres. De acordo com hooks:

É por isso que tantos livros de auto-ajuda dizem que devemos mirar-nos num espelho e conversar com nossas próprias imagens. Tenho percebido que às vezes não amo a imagem ali refletida. Eu a inspeciono. Desde que acordo e me vejo no espelho, começo a me analisar, não com a intenção de me afirmar, mas de me criticar. (...). [No entanto] Quando substituo a crítica negativa pelo reconhecimento positivo, sinto-me mais forte para começar o dia (hooks, 2000, p. 195).

Quando a dama razão se apresenta à Christine, e diz que seu papel é mostrar nitidamente na consciência de cada uma e de cada um, seus defeitos e suas qualidades, ela está expondo o que é próprio da razão: ser juíza e réu de si mesma. Dessa forma, o emblemático espelho resplandecente que a razão carrega na mão direita, mostrando para quem quer que o veja o fundo de



sua alma, constitui o objeto que propicia um confronto do ser consigo mesmo, ou seja, a dama razão nos indaga sobre quem quer ver os recônditos de sua alma? Sinalizando para Christine a necessidade de se definir ao olhar o espelho e enxergar o que vê (aprendendo a dizer a si mesma), percebendo que seu interior precisa de amor. Em hooks, evidenciando a experiência das mulheres negras, ela nos explicita:

Ao definir o que vê, talvez perceba que seu interior merece ou precisa de amor. Nunca ouvi uma mulher negra dizer num grupo de apoio que não precisa de amor. Ela pode até querer esconder essa necessidade, mas não é preciso muito tempo de análise para que reconheça isso. Se perguntarmos diretamente a uma mulher negra se ela precisa de amor, a resposta provavelmente será positiva. Para nos amarmos interiormente, precisamos antes de tudo prestar atenção, reconhecer e aceitar essa necessidade. Se acreditarmos que não seremos punidas por reconhecermos quem somos ou o que sentimos, poderemos entender melhor nossas dificuldades (hooks, 2000, p. 196).

Sendo assim, é primordial e vital que Christine reconheça que necessita de amor, em especial de seu amor interior, pois, as mulheres foram por muito tempo abandonadas sem defesas por si mesmas. Não obstante, é um si mesmo alienado delas mesmas, por estar em posse de Outro (masculino), que a classifica e despreza. Com efeito, muitas mulheres sofreram de forma resignada os grandes insultos que lhes fizeram, mas chegou o momento de fortificar sua interioridade.

Não podemos esquecer que no livro *A Cidade das Damas*, a missão das damas (razão, retidão e justiça) é educar Christine para a construção da Cidade, e para tanto necessitam descolonizar seu próprio imaginário, o desgosto e desprezo que ela tem de si e de outras mulheres, sendo, os pensamentos e desprezos socialmente construídos. Portanto, cabe as damas moldarem a interioridade de Christine ensinando-a que ela merece ser amada e que esse amor nutre o crescimento espiritual, possibilitando a construção de uma força para erguer a cidade que irá abrigar todas as mulheres fortalecidas e empoderadas em seu amor educado.

FINALIZANDO...

Terminei minha escrita com um convite ao pensar com o Outro. Pois, acredito que falar de afetos não é exaustivo e, não se conclui aqui. Este texto foi um espaço que propiciou o encontro de Christine de Pizan e bell hooks, conosco, leitoras, leitores, mas que segue aberto, no sentido de que ele busca apresentar mais um movimento de pensamento do que um pensar propriamente acabado sobre a manifestação (concretude) dos afetos na vida das mulheres, em especial das mulheres negras. Em consonância com hooks, parto do princípio que:

Quando nós, mulheres negras, experimentamos a força transformadora do amor em nossas vidas, assumimos atitudes capazes de alterar completamente as estruturas existentes. Assim poderemos acumular forças para enfrentar o genocídio que mata diariamente tantos homens, mulheres e crianças negras. Quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos, é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura (hooks, 2000, p. 198).

Portanto, apresentei que Christine de Pizan e bell hooks desde os seus lugares estão construindo (*A Cidade das Damas*) e ajudando a transformar o mundo onde gostaríamos de viver. Transmitindo para mulheres (e homens) o poder infinito do amor na cura e na libertação da opressão, desde as suas próprias perspectivas históricas e culturais, tendo muito a dialogar conosco.



REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Lourdes. A contribuição da crítica feminista à ciência. In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, 16 (1): 288, janeiro-abril, 2008.

bell hooks. Vivendo de amor. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn C. (orgs.). *O livro da saúde das mulheres negras. Nossos passos vêm de longe*. Rio de Janeiro: Pallas: Criola, p. 188-198, 2000.

CALADO, Luciana Eleonora de Freitas. *A Cidade das Damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan. Estudo e Tradução*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2006.

DELEUZE, Gilles. *O que é um dispositivo* ¿Que és um dispositivo? In: Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1990, p. 155-161. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: espaço Michel Foucault <http://michel-foucault.weebly.com/olhares.html>. Acesso em: 07 de outubro de 2015.

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*. Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995.

LORDE, Audre. Os Usos do Erótico: o erótico como poder. Traduzido por Tatiana Nascimento dos Santos, em julho de 2013, de *Uses of the Erotic: The Erotic as Power*, in: *Sister outsider: essays and speeches*. New York: The Crossing Press Feminist Series, 1984. p. 53-59. Disponível em: traduzidas – tradução feminista clandestina < <https://traduzidas.wordpress.com> > Acesso em: 13 de outubro de 2015.

_____. *Poesia não é um luxo*. Traduzido por Tatiana Nascimento dos Santos, em novembro de 2012, de *Poetry is no luxury*, do livro *Sister outsider: essays and speeches*. New York: The Crossing Press Feminist Series, 1984. p. 36-39. Disponível em: traduzidas – tradução feminista clandestina, <https://traduzidas.wordpress.com>. Acesso em: 14 outubro de 2015.

PIZÁN, Cristina de. *La Ciudad de las Damas*. Edición a cargo de Marie – José Lemarchand. Ediciones Siruela. Madri, 2001.

PLATÃO. *O Banquete*. Tradução Donaldo Schüler. Porto Alegre, RS: L&PM, 2009.

SANTANA, Andreia. *bell hooks: uma grande mulher em letras minúsculas*. Disponível em: <http://mardehistorias.wordpress.com/2009/03/07/bell-hooks-uma-grande-mulher-em-letras-minusculas/>. Acesso em: 14 de outubro de 2015.

WALKER, Alice. *De amor e Desespero: histórias de mulheres negras*. Tradução Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.